



INFÂNCIA, MEMÓRIA E MITOLOGIA NO LIVRO “MEMÓRIAS” DE GREGÓRIO BEZERRA

GETÚLIO NASCENTES DA CUNHA¹

Gregório Bezerra é daquelas figuras que com certeza merecem ter suas histórias contadas. Infelizmente, ele não tem sido objeto de nenhum estudo específico e, na verdade, anda meio que esquecido. Felizmente ele mesmo resolveu contar sua história, ao escrever suas memórias em meados dos anos 1970, depois de ter sido libertado na troca de prisioneiros que resultou do sequestro do embaixador americano.

As memórias de Gregório Bezerra abrangem toda a sua vida no Brasil, desde seu nascimento em março de 1900 até a sua ida para o exílio em 1969. Militante comunista desde muito jovem, foi preso pela primeira vez logo em 1917, entusiasmado com as notícias da Revolução Russa. Depois se filiou ao Partido e foi figura importante nas ações da chamada “Intentona Comunista” de 1935, em Recife. Manteve sua militância, participando ativamente de várias ações do partido, até ser preso e barbaramente torturado pelo regime do golpe de 1964.

Nos seus quase 50 anos de militância política foram muitas as aventuras de Gregório Bezerra. Aventuras que muitas vezes parecem beirar a fantasia e que começaram bem antes, ainda em sua infância.

Suas memórias não nos oferecem um quadro abrangente da realidade na qual o autor estava inserido, é muito mais uma história de sua própria vida. Muitas vezes, enquanto leitores, gostaríamos de ver algumas passagens mais detalhadas, com uma riqueza de pormenores, que não parece ser a intenção do autor. Mas não deixa de ser um texto rico que permite que nos aproximemos da vida (ou da percepção dela) de um militante comunista ao longo de boa parte do século XX.

A INFÂNCIA DE GREGÓRIO BEZERRA

Nosso foco aqui será a infância de Gregório Bezerra, indo de seu nascimento em março de 1900², até sua juventude com sua primeira prisão em 1917. Num percurso que o levou do sertão de Pernambuco para a capital, Recife.

¹ Professor da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão.



A vida cotidiana das populações que vivem nos sertões do Brasil ainda não foi estudada, talvez pela sua pouca representatividade em termos econômicos³. Isso faz com que tenhamos poucas informações complementares para além daquelas que nos são fornecidas pelo próprio Gregório Bezerra. E é perceptível que suas memórias são seletivas em relação aquilo que ele coloca ou não. Difícil dizer quanto de seus “esquecimentos” são propositais ou não. Muito vezes a impressão é mais de um apagamento proposital do que de um real esquecimento. Apenas para exemplificar, apesar de sua avó ser descrita como muito religiosa e importante líder na região por conta de sua atuação também como parteira, não há menção a outras práticas religiosas que não sejam as novenas pedindo chuva, mas nenhum contato com a igreja oficial⁴.

Quando de seu nascimento a família passava por um processo de empobrecimento típico das zonas rurais. Originalmente a família era possuidora de uma propriedade rural até que significativa, mas com os muitos filhos e as consequentes partilhas e vendas para outras pessoas, a propriedade ia se tornando cada vez menor, o que aumentava as dificuldades de produção de um excedente que garantisse os anos menos produtivos.

Quando do nascimento de Bezerra no início do século XX, a região do semiárido nordestino passava por um período de fortes secas, o que agravavam os problemas das propriedades, já que obrigava muitos a migrarem e vender suas terras para os donos de propriedades maiores. Nos dez anos em que Gregório Bezerra morou com a família no sertão de Pernambuco, a maior parte dos anos foi de seca, com poucos anos intercalados de chuvas que permitiram relativa abundância e tranquilidade.

A base do trabalho na propriedade da família de Gregório Bezerra era a familiar, com no máximo o uso de mutirões, que era prática comum nas atividades que necessitavam de maior quantidade de mão de obra. Os mutirões⁵ eram utilizados também nos trabalhos de

² Como era comum na época, Gregório Bezerra não tinha registro civil. Sua data de nascimento teria lhe sido dita por sua avó (BEZERRA, 2011, 17)

³ Mesmo um texto como “Vida e morte no sertão”, de Marco Antonio Villa, tem poucas informações sobre o dia a dia daqueles que habitam essas regiões, mas preocupado com as políticas em torno da seca do que como cotidiano daqueles que eram afetados por ela.

⁴ O sítio onde a família morava não ficava longe da cidade de Panelas/PE, que teve sua fundação ligada à fundação de uma capela, sinalizando para a existência a presença formal da igreja. Na época do nascimento de Gregório Panelas era uma vila, tendo passado à condição de cidade em 1907.

⁵ Um desses mutirões é descrito por Bezerra, que ressalta a força do trabalho coletivo: “O trabalho continuava normalmente, ninguém mandava em ninguém, todos trabalhavam com o mesmo entusiasmo, ninguém fazia cera e nem se escoravam uns nos outros. Reinava ordem e trato respeitoso entre todos, coisa muito característica na grande massa camponesa. Cada um dava o máximo de sua força de trabalho”. p. 68



utilidade coletiva, como a limpeza de lajedos que possibilitassem a acúmulo de água das chuvas. A necessidade do trabalho de todos os membros da família para otimizar os poucos recursos e garantir a produção, fazia com que o tempo para uma infância despreocupada e protegida de todas as agruras da vida, fosse bastante curto. Isso não significa que a infância não existisse nos sertões mais secos.

O trabalho se tornou uma atividade cotidiana para ele com apenas quatro anos. 1904 foi um ano de chuvas abundantes e também o momento que os pais lhe deram uma enxada e um foice e ele foi levado a ajudar na preparação da terra para o cultivo. Mesmo que o ano seguinte tenha sido um ano de seca, sem trabalhos na agricultura, isso não significou a possibilidade de um retorno a uma infância sem trabalho. Também assinalou uma nova realidade em sua vida: a separação dentro da família. Desde a seca de 1905 que a família nunca mais ficou toda completa, com seus membros tendo de ir trabalhar em outras regiões, ou morar com outras pessoas como forma de garantir a sobrevivência.

Assim como sua avó, sua mãe também teve uma infância muito curta, casando-se muito cedo. Em 1906, aos 32 anos de idade, a mãe já tinha dado à luz quinze filhos e estava novamente grávida, mas acabou abortando e não voltou a engravidar pois tinha ficado viúva naquele ano. Eram muitos filhos para serem alimentados em uma pequena propriedade, pouco produtiva nos anos de seca.

Quando ficou com a avó, no ano em que seu pai foram trabalhar em outra região (1905), Bezerra ficava encarregado de trazer a lenha e a água utilizada pela avó, cuidar do cavalo e também do quintal da casa, principalmente das árvores frutíferas, que eram objeto de sua dedicação. A busca da água era a atividade mais trabalhosa. Três vezes por semana ele e um amigo que morava na propriedade vizinha, tinham que percorrer a cavalo uma distância de 46km, contando a ida e a volta (BEZERRA, 2011, 23). Era uma atividade que levava todo um dia, já que saíam ainda cedo e voltavam já no final da tarde. Gregório Bezerra não diz qual a idade do amigo, mas podemos supor que tivessem uma idade parecida. Não era uma atividade desprovida de momentos de satisfação, já que aproveitavam o tempo com o cavalo, inclusive com a possibilidade de lhe dar um banho.

Aqui estamos diante de uma realidade bastante dura e que apontam para uma característica bastante diferenciada da infância vivida nos sertões: o contato com os espaços abertos, a necessidade constante de grandes deslocamentos. Os deslocamentos se realizavam



pela necessidade de procurar trabalhar em outra região quando a seca não permitia a continuidade do trabalho, mas também para se buscar água quando se ficava.

Em suas memórias Gregório Bezerra pouco fala sobre as formas como se deu seu aprendizado de coisas práticas do dia a dia. Muitas deles, certamente, ocorreram na prática e na observação dos adultos. Mas a necessidade dos deslocamentos exigia uma orientação espacial que precisava ser ensinada, caminhos que não tinham como ser apreendidos sem um ensinamento de quem já os tinha percorrido antes. Não há como deixar de pensar em como um menino de cinco anos de idade é capaz de ir (mesmo que acompanhado de um amigo da mesma idade) a uma cidade distante 20 quilômetros, sem nunca ter estado lá antes.

Os muitos caminhos percorridos por Gregório Bezerra mostram que ser criança naquele momento na região, implicava numa grande autonomia, autonomia essa que era imposta pelas próprias condições em que se vivia. Assim, quando aos 5 anos de idade ele saiu para buscar água com seu amigo, aparentemente não preocupou a sua avó o fato de ele ter se demorado mais do que o costume quando resolveram ir mais longe buscar uma água de melhor qualidade, num rio que implicava uma caminhada de 82km, ida e volta (BEZERRA, 2011, 25). Da mesma forma, poucos anos depois, quando sua mãe caiu gravemente doente quando voltavam para a casa da avó, não foi um problema ele ter voltado sozinho, andando inclusive a noite, até a casa da tia para buscar remédios para a mãe. Gregório tinha então oito anos de idade.

Mas nem tudo era trabalho. Havia também brincadeiras. Para isso era reservado o domingo, dia de descanso para os adultos e de brincadeiras para as crianças. Neste dia se reuniam as crianças das casas vizinhas para brincar (BEZERRA, 2011, 23). Gregório Bezerra pouco descreve as brincadeiras entre ele e os amigos, mas entre elas estava o se esconder e o caçar passarinhos com estilingue. Essa última brincadeira não era sua preferida e confessa nunca ter sido capaz de acertar o alvo, coisa que seus amigos faziam com muita facilidade.

O ritmo de vida das crianças não era como vimos, muito diferente daquele levado pelos adultos. Começava-se cedo e as atividades seguiam até a noite. Mas havia outras semelhanças. Independentemente da idade, o respeito aos mais velhos era a regra, maior inclusive, do que posições de gênero. Na família de Bezerra, sua avó era a matriarca, ainda que a família estivesse dispersa pelas questões da seca. Esse respeito aos adultos assinala uma diferença entre eles e as crianças. Estas não podiam fumar nem pedir fogo para um adulto, o que era considerado uma grave ofensa. Mas, aparentemente, o fumar não era algo estranho às



crianças, já que o primeiro relato da experiência por Gregório Bezerra foi aos sete anos. (BEZERRA, 2011, 42)

Outra limitação que caracterizava a infância e a separava do mundo adulto era a questão das roupas. Gregório tinha uma grande vontade de usar calças, dizia que como já trabalhava, eram “homem” e podia usar calças. Mas, segundo a lei familiar, isso só seria possível quando ele completasse os dez anos. Antes disso sua roupa se limitava a uma camisa. A questão dos dez anos parece ser importante, já que apesar dos insistentes pedidos para que lhe fosse permitido usar calças, isso não aconteceu e era, inclusive, visto como algo a ser censurado (BEZERRA, 2011, 32). Não há no texto indicação de que as meninas tivessem uma restrição parecida.

Os dez anos devia ser realmente um momento de passagem. Momento em que a criança começava sua transição física para a idade adulta. No romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, quando a família de Chico Bento estava indo em direção a Fortaleza, fugindo da seca, um de seus filhos desapareceu. Quando foi até a cidade mais próxima pedir ajuda para o delegado, a resposta deste foi: “Não tem jeito que dar não, meu amigo... O menino, naturalmente, foi-se embora com alguém... Um rapazinho assim sozinho, muita gente quer”. O rapazinho em questão estava “dentro dos doze anos” (QUEIROZ, 1984, 60).

Esse “muita gente quer”, nos remete a uma outra questão ligada a infância do semiárido, mas que era comum a todas as famílias pobres. Apesar dos laços afetivos que ligavam os membros de uma família, isso não impedia a separação e o ato de “dar” as crianças era rotineiro. Impedidos de se manterem juntos pelas adversidades do clima e do trabalho, as crianças eram mandadas para outros lugares onde se supunham teriam uma vida mais segura. Quando da morte da mãe de Bezerra, em 1908, ele e seu irmão foram morar com sua avó, que não tinha condições de alimentar a todos, já que o ano era novamente de seca. Com isso, um de seus irmãos mais novos acabou sendo “dado” para um compadre da avó (BEZERRA, 2011, 65).

Dá mesma forma, foi assim que Gregório Bezerra foi parar em Recife. Seu pai havido morrido em 1907 e sua mãe no ano seguinte. Desde então passou a viver com sua avó, mas em 1910 foi para a cidade de Palmares/PE, na casa de uma tia, onde estavam morando duas de suas irmãs. No período que passou lá, Bezerra passou a realizar uma série de trabalhos que acabaram chamando a atenção da senhora dona do engenho. Essa então propôs leva-lo para o Recife, onde faria pequenos serviços na casa e na rua. A resposta da irmã, mostra a



naturalidade da situação: “Pra dá de vez, não dou. Só minha avó pode, puque a nossa mãe antes de morre recomendou nós a ela; mas se fô pra passa uns tempos, ele pode ir cum a senhora”. (BEZERRA, 2011, 100)

Nesse momento Gregório Bezerra já estava usando calças, mas foi a primeira vez em que teve que usar sapatos. Até então, as longas caminhadas pelo semiárido pernambucano eram feitas descalço, já que como ele mesmo afirma, seus pés nunca tinham “calçado nem mesmo uma chinela” e muito sofreram para se acostumar ao calçado. (BEZERRA, 2011, 101)

Em meados de 1910 ele chegou com a família dos senhores de engenho em Recife. Começava uma nova fase da sua vida e que revelava outra característica da infância no período: não havia ainda uma ligação entre o trabalho doméstico e o feminino. De imediato, todas as tarefas domésticas, com exceção do cozinhar, lavar e passar, passaram a ser responsabilidade sua, num ritmo de trabalho que se mostrou ainda mais intenso do que o que levava na zona rural. As tarefas incluíam tanto as do interior da casa como aquelas fora de fazer pequenas compras ou levar recados.

As tarefas da casa eram divididas com outro menino, o Zezé, um negrinho filho de uma ex-escrava da casa, mas que aos poucos, como era bom vendedor, foi ficando apenas com as atividades de venda de alfenins nas ruas:

E assim, vegetando, íamos levando a vida como podíamos, sem passear, sem direito a diversões nem a coisa alguma. Nem mesmo podíamos brincar um com o outro, porque não dispúnhamos de tempo, nem nossos senhores deixariam. Nossas palestras eram poucas e pouco dizíamos um ao outro. (BEZERRA, 2011, 107)

Agora, nem mesmo os domingos eram de descanso. O uso do trabalho doméstico de meninos era aparentemente uma prática rotineira no Recife⁶. Gregório Bezerra acabou fugindo da casa da família do coronel, onde além da quantidade de trabalho, era mau tratado. Quando procurou trabalho, o único que lhe era oferecido era o doméstico⁷ (BEZERRA, 2011, 130). Quando seus irmãos começaram a ir para o Recife, também encontraram ocupação nos

⁶ Em sua tese de doutoramento, Maciel Henrique Carneiro da Silva, afirma que o trabalho doméstico é preponderante feminino nas cidades de Salvador e Recife. Entretanto, o autor encontrou o encaminhamento de meninos que foram expostos para o serviço doméstico. Para o caso de Salvador, afirma que a proporção era de um menino para cada três meninas que tinham o mesmo destino. Sinal de que não havia ainda naquele período uma identidade exclusiva do trabalho doméstico com o feminino.

⁷ Bezerra se recusava a aceitar o trabalho doméstico por conta de sua experiência na casa do coronel, mas também por conta da remuneração oferecida. Segundo ele seria no máximo de dez mil-réis mensais, sujeito a todas as despesas.



serviços doméstico. Apenas um irmão mais velho do que ele, foi trabalhar numa loja de produtos de couro. Como Bezerra não deixa claro qual era a idade do irmão, não temos como avaliar até que ponto a idade foi determinante na abertura dessa possibilidade.

Boa parte da juventude de Gregório Bezerra vai ser passada nas ruas do Recife. Sua vida com a família do coronel durou menos de 2 anos. Até sua prisão com 17 anos, vai viver basicamente nas ruas, ou em habitações temporárias. Suas principais atividades econômicas foram a de carregador nas ruas e depois de vendedor de jornais, posição em que conseguiu relativo sucesso,

Agora eu já possuía uma mala com dois ternos de roupa, algumas camisas, lenços e até uma lavadeira para lavar as minhas roupas. Já tomava banho com sabão diariamente e, à noite, calçava meu par de tamancos. Andava limpo, trocando de roupa todos os domingos, depois da venda dos jornais. Tinha garantido café com pão pela madrugada, almoçava ao meio-dia e jantava entre seis e sete horas da noite. Ia ao cinema popular no Pátio do Mercado São José, pagava quinhentos réis de entrada. (BEZERRA, 2011, 131)

Pouco antes de ser preso tinha conseguido realizar um de seus sonhos que era passar a trabalhar como pedreiro. Tinha acabado de fazer seu aprendizado quando influenciado pelas notícias que chegavam da Rússia, se envolveu como movimento dos trabalhadores e acabou preso.

A vida nas ruas do Recife era marcada antes de mais nada pela competição por um mercado de trabalho bastante restrito, onde as disputas pelos espaços resultavam com frequência em agressões físicas. São constantes os relatos de Gregório Bezerras das brigas e ferimentos que sofreu ao longo dos anos em que trabalhou nas ruas. Segundo o próprio Bezerra: “era uma vida duríssima. Aos poucos, com muitas desvantagens para mim, ia revidando os insultos, aos palavrões, os murros, os tapas, as tabicadas, os chutes e também as pedradas” (BEZERRA, 2011, 130). E no geral, eram agressões vinda de adultos. As relações com eles perdem muito do respeito que antes era a tônica.

Além do trabalho contínuo, a juventude pobre nas ruas do Recife, partilhava com a infância da zona rural a constância do medo. Em sua infância o medo vinha da seca de várias formas, não só da fome, mas também daqueles que levados por ela viviam vagando pelas estradas em direção de regiões em melhores condições. Bezerra fala explicitamente no medo de ter o cavalo Passarinho roubado por aqueles que viam nele o alimento que lhes faltava (BEZERRA, 2011, 24), mas havia também a possibilidade de ser raptado, como aconteceu



com o filho de Chico Bento, no romance *O Quinze*. Para as mulheres havia ainda o medo de serem violentadas, caso estivessem sozinhas.

No Recife, o medo das agressões era uma realidade e se concretizavam frequentemente, na disputa pelos poucos espaços de trabalho que havia na cidade naquele momento. Mas para Bezerra, um outro medo se instalou naquele novo espaço. O medo da violência sexual. Pelo menos uma vez ele sofreu uma tentativa de ser violentado. Uma noite quando dormia no portão de entrada do Real Gabinete Português de leitura, acordou quando um adulto usava uma faca para cortar o cinto de sua calça, disposto a forçá-lo a um ato sexual (BEZERRA, 2011, 140). A violência sexual parece não ser um fato pontual na vida de jovens que não tinham uma forma de proteção. Depois de narrar essa tentativa que sofreu, afirmou que sempre tinha ouvido histórias a respeito, mas não acreditava nelas.

Mais tarde, quando Bezerra foi preso, chamou sua atenção o fato de que os meninos dividiam a prisão com os adultos e ali, ter relações com os presos adultos, muitas vezes era a única forma de obter proteção por parte dos jovens. Segundo Bezerra, o ensaiador da banda da qual os meninos faziam parte “tinha carta branca [da diretoria do presídio] e dela usava e abusava para induzir os garotos à prática da pederastia” (BEZERRA, 2011, 164).

A posição de Gregório Bezerra em relação à homossexualidade era bem enfática, dizia sempre preferir morrer a ser desonrado enquanto homem. Por isso, sua passagem definitiva para a condição de homem, para ele, estava vinculada ao início da vida sexual com mulheres. Coisa que ele vai procurar fazer tão logo conseguiu se estabilizar financeiramente para ter dinheiro para frequentar a zona do baixo meretrício. Tinha então 16 anos, mas não conseguia realizar seu desejo pois as mulheres o achavam muito criança e terminavam por rejeitá-lo. (BEZERRA, 2011, 153-4)

MEMÓRIA OU TENTATIVA DE MITIFICAÇÃO DE UM PERSONAGEM

A rejeição que as prostitutas fazem a Gregório Bezerra é um bom momento para passarmos para uma outra discussão. Ao fim, ele vai acabar tendo relação com uma mulher que lhe é apontada por seus amigos na rua. Consuma-se assim sua passagem para a vida de “homem”, tanto pelo ato em si, como pelo fato de ter contraído uma gonorreia: “Apesar da repugnância da doença e do ardor que sentia quando urinava, sentia certo orgulho de ter tido relações sexuais com uma mulher. Era homem”. (BEZERRA, 2011, 155)



Homem em todos os sentidos. Era uma afirmação de sua masculinidade, mas era também a transição para a fase adulta, já não se via mais como uma criança ou um jovem, mas como um adulto completo, ainda que apenas com dezesseis anos.

Mas a questão que colocamos é por que as prostitutas se recusavam a transar com ele? Elas não o ignoravam na rua. Comiam e bebiam com ele. Mas não se dispunham a ter relações sexuais com ele. É o próprio Bezerra quem nos dá a resposta: “mas, por ser baixo e magricela, era rechaçado” e completa em seguida com a resposta das mulheres: “- Não, meu filho, és muito pequeno, ainda estás cheirando a leite. Não quero desgraçar uma criança inocente, não! Cresça mais um pouquinho, sim?” (BEZERRA, 2011, 153-4)

A condição de uma criança e/ou um jovem pequeno e magro, não era uma coisa inesperada frente às duras condições que marcaram toda a vida de Gregório Bezerra até ali. Ele mesmo havia dito “Na verdade, sempre fui uma criança desnutrida, raquítica, anêmica e retardada fisicamente até os quinze anos de idade!”.(BEZERRA, 2011, 17). A frase está logo no início de suas memórias e não temos como saber se os quinze anos foi um erro de memória na escrita, já que aparentemente, aos 16 anos ele ainda era visto como pequeno. Mas independentemente da precisão quanto à data, ela abarca todo o período da vida de Gregório Bezerra que estamos tratando aqui: sua infância e sua adolescência.

Essa criança desnutrida e raquítica nos faz pensar em todas as experiências narradas por Bezerra ao longo de suas memórias. Como pensar nessa criança andando quilômetros e mais quilômetros a cavalo e muitas vezes a pé. Caminhadas quase que sem descanso, em regiões secas, durante o dia, por uma criança que muitas vezes teria uma única refeição a noite quando chegasse em casa (BEZERRA, 2011, 24). Ou então fazendo trabalhos pesados. Não que essas coisas não fossem parte do cotidiano de crianças e jovens pobres em todos os cantos do Brasil. A historiografia já demonstrou com folga as dificuldades enfrentadas pelos menos favorecidos. Mas, as memórias de Gregório Bezerra nos sugerem um algo mais, uma mistificação algo intencional.

Apenas para dar mais um exemplo. Quando fala das novenas que sua avó realizava pedindo chuva, Gregório Bezerra afirma “Era pequeno demais para discutir com pessoas idosas. Era a regra. Simpatizava com a atitude de meus tios [contrários à eficácia das novenas], mas não dizia a vovó” (BEZERRA, 2011, 24). Esse menino incrédulo na fé da avó, pessoa com quem ele diz ter uma calorosa amizade (BEZERRA, 2011, 18), que certamente marcou sua criação, já que parte importante de sua infância passou em sua companhia, é a



mesma criança que tem medo de assombração! Em mais de um momento Gregório Bezerra fala do medo que toda criança no sertão tinha de “almas, caiporas, em zumbis de cavalo, em índios e no saci” (BEZERRA, 2011, 62)

Esse medo ele só foi perder no Recife, logo depois de fugir da casa do coronel. Ao acompanhar um clube de frevo acabou numa parte da cidade que não conhecia. Como era noite e as ruas estavam escuras, entrou na primeira porta que encontrou aberta. Apenas no dia seguinte, ao ser acordado descobriu que tinha dormido no necrotério. “Foi um grande remédio, que me libertou do passado de ignorância e obscurantismo. Desse dia em diante, tornei-me uma criança livre de superstições e procurava desfazê-las junto às crianças de minhas relações”. (BEZERRA, 2011, 122). Difícil imaginar que aos seis anos discordasse da fé de sua avó!

Da mesma forma podemos pensar na forma como Bezerra nos narra as várias dificuldades por que passou ao longo de sua infância e juventude. Não são narrativas apenas de vitórias. Ao contrário, em muitos momentos nós e vemos em dúvida, com medo, perdendo, sendo agredido. Mas são todos momentos que lhe permitem uma superação, uma volta por cima.

Quando olhamos para as memórias escritas por Gregório Bezerra, num momento de reflexão sobre sua trajetória, mas também um momento em que seu partido estava encurralado pela ditadura instalada em 1964 no Brasil⁸, não podemos deixar de pensar essas memórias como uma tentativa de construção de uma data imagem do que ele considerava como sendo o comunista, com seus valores e objetivos. Como afirma Jorge Ferreira, ao analisar o imaginário em torno da figura do comunista:

Para ser comunista, portanto, não bastava declarar-se como tal. Exigia-se do militante uma transformação de ordem interior, de seu próprio ser: ele abandonaria os vícios inerentes à sociedade burguesa e capitalista, como o individualismo, o egoísmo e as vaidades pessoais, adquirindo uma nova identidade social, a de um homem virtuoso e pleno de qualidades. (FERREIRA, 2002, 72)

Não é outro o personagem que vemos ser construído ao longo das memórias de Gregório Bezerra. Alguém que desde muito cedo conviveu com as injustiças do mundo e que

⁸ A primeira edição do livro foi publicada em 1979, pela Civilização Brasileira. No epílogo, Gregório afirma estar vivendo a nove anos, desde 1969, na URSS, portanto, o livro deve ter começado a ser escrito em meados da década de 1970, momento em que muito membros do PCB estavam sendo atacados, apesar do partido não ter participado da luta armada.



foi capaz de desenvolver as qualidades que permitiram com que ele se transformasse num comunista, num lutador pelas mudanças que julgava necessárias.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Gregório. **Memórias**. 2ª. Edição. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.
- FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito**. Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956). Rio de Janeiro: MAUAD/EdUFF, 2002.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 33ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1984.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Ed. UNICAMP, 2007.
- SILVA, Maciel Henrique Carneiro da. **Domésticas criadas entre textos e práticas sociais**. Recife e Salvador (1870-1910). Salvador: Tese de Doutorado em História, 2011.
- VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**. História das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática/Instituto Teotônio Vilela, 2000.